

Este material foi testado com as seguintes questões de acessibilidade:

- PDF lido por meio do software *NVDA* (leitor de tela para cegos e pessoas com baixa visão);
- Guia da *British Dyslexia Association* para criar o conteúdo seguindo padrões como escolha da fonte, tamanho e entrelinha, bem como o estilo de parágrafo e cor;
- As questões cromáticas testadas no site *CONTRAST CHECKER* (<https://contrastchecker.com/>) para contraste com fontes abaixo e acima de 18pts, para luminosidade e compatibilidade de cor junto a cor de fundo e teste de legibilidade para pessoas daltônicas.

“A Coisa tá Preta, a Coisa tá Boa”: Aquilombamento no Contexto da Formação Universitária¹

“A Coisa tá Preta, a Coisa tá Boa”:
Aquilombamento in the Context of University Education

“A Coisa tá Preta, a Coisa tá Boa”:
Aquilombamiento en el Contexto de la Educación
Universitaria



Victor Hugo Neves de Oliveira

Universidade Federal da Paraíba (UFPB), João Pessoa, Paraíba, Brasil
dolive.victor@gmail.com



Jéssica Jesse Félix Severo

Universidade Federal da Paraíba (UFPB), João Pessoa, Paraíba, Brasil
dendemaat@gmail.com



Thiago Ferreira Reimberg Pinto

Universidade Federal da Paraíba (UFPB), João Pessoa, Paraíba, Brasil
hiagoreimberg@hotmail.com



Wagner Leite dos Santos

Universidade Federal da Paraíba (UFPB), João Pessoa, Paraíba, Brasil
wagner.leite.cont@gmail.com



Zoelly Cynthia Dos Santos

Universidade Federal da Paraíba (UFPB), João Pessoa, Paraíba, Brasil
zoellyc@gmail.com

Resumo: Este artigo pretende compartilhar as ações de pesquisa e extensão vinculadas à educação das relações étnico-raciais desenvolvidas no contexto do Grupo de Pesquisa Cena Preta – Quilombo: um agrupamento criado em 2020, no Departamento de Artes Cênicas, da

¹ Este trabalho contou com apoio financeiro da Chamada nº 03/2020 Produtividade em Pesquisa PROPESQ/PRPG/UFPB código do projeto de pesquisa no SIGAA PVJ13529-2020.

Universidade Federal da Paraíba, com o objetivo de reunir e aquilombar estudantes, professores e professoras, pesquisadores e pesquisadoras, prioritariamente, pretos e pretas. A intenção é organizar elementos discursivos sobre a urgência de valorizar-se perspectivas afro-referenciadas no ambiente educacional e artístico. Para desenvolver a investigação em questão, elaborou-se interações conceituais com Hooks (2017), Kilomba (2019), Veiga (2019), dentre outros. Metodologicamente, organizou-se o texto em formato de relato crítico-reflexivo buscando estabelecer estudos sobre as ações de pesquisa e extensão como práticas de relevância acadêmica e abrangência social. Os resultados esperados se relacionam com a geração e o fortalecimento de ações de combate à opressão racial no âmbito da universidade.

Palavras-chave: Aquilombamento. Pesquisa. Extensão. Universidade.

Abstract: This article intends to share the actions of university research and extension linked to the education of ethnic-racial relations developed in the context of the Grupo de Pesquisa Cena Preta - Quilombo: a group created in 2020, at the Department of Performing Arts, at the Federal University of Paraíba, with the objective to bring together and aquilombar afro-brazilian students, professors and researchers. The intention is to organize discursive elements about the urgency of valuing afro-referenced perspectives in the educational and artistic environment. To develop the investigation in question, conceptual interactions were developed with Hooks (2017), Kilomba (2019), Veiga (2019), among others. Methodologically, the text was organized in a critical-reflective report format, seeking to establish studies on research and extension actions as practices of academic relevance and social coverage. The expected results are related to the generation and strengthening of actions to combat racial oppression within the university.

Keywords: Aquilombamento. Research. Extension. University.

Resumen: Este artículo pretende compartir las acciones de pesquisa y extensión vinculadas a la educación de las relaciones étnico-raciales desarrolladas en el contexto del grupo de pesquisa Cena Preta-Quilombo: un agrupamiento creado en 2020, en el Departamento de Artes Escénicas, de

la Universidad Federal de la Paraíba, con el objetivo de congregar y quilombear estudiantes, profesores y profesoras, pesquisadores y pesquisadoras, prioritariamente, negros y negras. La intención es organizar elementos acerca de la urgencia de valorizarse perspectivas afro-referenciadas en el ambiente educacional y artístico. Para desenrollarse la investigación en cuestión, se elaboró interacciones conceptuales con Hooks (2017), Kilomba (2019), Veiga (2019), entre otros. Metodológicamente, se organizó el texto en el formato de relato crítico-reflexivo buscando establecer estudios acerca de acciones de pesquisa y extensão como pláticas de relevancia académica y alcance social. Los resultados esperados se relacionan con la generación y el fortalecimiento de acciones de combate a la opresión racial en el ámbito de la universidad.

Palabras-clave: Aquilombeamento. Pesquisa. Extensão. Universidade.

Data de submissão: 27/05/2021

Data de aprovação: 31/08/2021

Introdução

As universidades são espaços destinados ao desenvolvimento de práticas pedagógicas, produção de conhecimento inovador e políticas relacionadas aos assuntos comunitários que obedecem ao princípio constitucional da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão. O ensino se dá por meio do compartilhamento dos saberes historicamente produzidos, a pesquisa se constrói a partir da produção de novos conhecimentos baseados em problemas emergentes na sociedade e a extensão representa o conjunto de processos educacionais, culturais e científicos, que vinculam a universidade aos demais segmentos da sociedade.

Em tese, verificamos que por meio do princípio da indissociabilidade ensino-pesquisa-extensão, as universidades pretendem implementar um projeto de formação de cidadãos capacitados para interagir e transformar de modo ético e profissional as realidades sociais. Partindo dessa conjuntura, reconhecemos que as universidades se encontram associadas a um amplo projeto de transformação da sociedade por meio do desenvolvimento de estratégias que combatam opressões e promovam justiça social.

Entretanto, o fato de as universidades brasileiras terem sido criadas através do modelo das instituições de ensino europeias, leva-nos a perceber que as políticas educacionais desenvolvidas nos ambientes universitários no país promovem, contraditoriamente, a manutenção dos mecanismos culturais que asseguram a conservação da ordem social estabelecida (CESAR; SOARES NETO, 2019). Em

função disso, podemos dizer que grande parte das universidades brasileiras são espaços de opressão que buscam promover a consolidação dos discursos hegemônicos através da formatação de currículos impregnados de colonialismo e racismo.

As práticas coloniais difundiram a ideia de que as classificações e os valores da cultura ocidental branca seriam os únicos verdadeiros. Desse modo, os saberes europeus estabeleceram-se como referência universal no contexto epistêmico, estético, artístico, filosófico, religioso, político, econômico, existencial e social (OLIVEIRA, 2020). No entanto, apesar dessa constatação, podemos verificar que, nos últimos anos, diversos profissionais da educação têm criado estratégias antirracistas no âmbito das universidades com a finalidade de decolonizar o ambiente acadêmico, realocar saberes de ascendência africana nos contextos de discussão universitária e, com isso, combater o epistemicídio ou o extermínio das cosmovisões negras.

Este artigo pretende se estruturar como um ato de existência. Nosso interesse é compartilhar, dentre as inúmeras atividades executadas por meio da tríade ensino-pesquisa-extensão universitária, as ações relacionadas à educação das relações étnico-raciais desenvolvidas no contexto do Grupo de Pesquisa Cena Preta – Quilombo: um agrupamento criado em 2020, no Departamento de Artes Cênicas, da Universidade Federal da Paraíba, com o objetivo de reunir e aquilombar estudantes, professores e professoras, pesquisadores e pesquisadoras, prioritariamente, pretos e pretas. Desejamos, aqui, organizar elementos discursivos sobre a importância de

valorizarmos perspectivas afro-referenciadas no ambiente educacional por meio do sentido do quilombo.

A ideia do movimento de aquilombamento, portanto, surge como um eixo central articulado tanto à ação de reorganização epistemológica, quanto à valorização das presenças pretas nas universidades e na sociedade como um todo. Adotamos a noção do quilombo como estratégia de convivência relacionada às mobilizações de resistência impetradas pelas populações africanas ao longo da história do Brasil e às ações contínuas, vinculadas às sociabilidades afro-diaspóricas, de oposição aos projetos de dominação colonial.

Historicamente, conforme Nascimento (1982; 2006), o fenômeno quilombo caracteriza-se por uma unidade de resistência étnica e política, cuja origem remonta aos povos de origem bantu, os imbagalas, que denominavam de kilombo os ritos de passagem através dos quais incorporavam jovens de várias linhagens à sua sociedade. No Brasil, a primeira referência a quilombos em documentos oficiais data de 1559, mas somente em 1740 as autoridades portuguesas usam o termo como referência para as habitações de negros fugidos que passassem de cinco. Essa definição, tal qual pode se verificar, organizada pelos impositivos coloniais, apresenta a fuga como elemento fundamental da formação dos quilombos (OLIVEIRA, 2020).

A experiência de aquilombamento que desejamos instaurar no contexto do grupo de pesquisa não se vincula à ideia de fuga, mas ao encontro, à existência, ao ato de dar-se a ver e, com isso, notabilizar-se. Pretendemos defender, assim como Moura (2001), a passagem da ideia da

fuga, de pertinência branca e colonial, para a consciência do preto que faz do seu corpo, da sua ancestralidade e da sua arte, uma expressão de protesto radical. Aqui, aquilombar-se é existir e criar relações por meio de um movimento social transgressor.

Neste sentido, o Grupo de Pesquisa Cena Preta – Quilombo traz em si, enquanto projeto universitário racialmente posicionado, o entendimento da categoria quilombo como forma de organização da vida que contraria os novos modos de dominação, opressão e colonialismo racial instituídos na universidade. Este texto é um ensaio temático em que ideias são elaboradas e relatadas de modo reflexivo, a partir de um conjunto de experiências que estruturam modos de garantir visibilidade às atividades do Grupo de Pesquisa Cena Preta – Quilombo por meio das ações desdobradas, especificamente, em dois projetos de pesquisa: “Batuque na cozinha, Sinhá não quer: dança, epistemicídio e afrocentricidade” e “Antropologia-Dança: corpo, cena e pesquisa etnográfica”, ambos desenvolvidos com o apoio do CNPq.

Tambor Tocou, é para o Batuque que eu Vou!

O Projeto de Pesquisa “Batuque na cozinha, Sinhá não quer: dança, epistemicídio e afrocentricidade” busca refletir sobre os componentes históricos que produzem as referências hegemônicas no campo das abordagens coreográficas e discutir a institucionalização do racismo nos processos de ensino-aprendizagem em dança no contexto das universidades. A imagem do “batuque na cozinha” é, portanto, utilizada para nos levar a pensar sobre os conflitos

estabelecidos em uma situação de exploração étnico-racial e sobre o desprestígio de saberes coreográficos de origem africana no contexto acadêmico.

A letra da música composta por João da Baiana (1887-1974) remonta a secular opressão vivenciada pelas pessoas de ascendência africana no Brasil, indicia impedimentos relacionados à regulação de nossas práticas culturais e aponta para o apagamento e silenciamento sistemático de nossas experiências e saberes; afinal, sabemos que desde o século XVII, o termo batuque foi adotado pelos cronistas para designar diferentes modos de festas e devoções afro-brasileiras, tais como o lundu, o jongo, a capoeira e o candomblé, sendo, constantemente, perseguidos e proibidos.

Nesse projeto, a expressão do batuque que é interdito revela interações entre dança e opressão racial e, por isso, se torna elemento chave para refletirmos o quão os processos educacionais em dança, vigentes em nossa sociedade, promovem a manutenção de mecanismos sociais excludentes. Partindo desse pressuposto, observamos que a educação universitária opera como um espaço estratégico de colonização e dominação, a partir de processos de cooptação dos sujeitos não-brancos para a exploração e subalternidade. E, depreendemos que participar da universidade reproduzindo, irrefletidamente, a sua estrutura, significa corroborar a exclusão de narrativas, de experiências e de corpos não-hegemônicos.

Para executar esse projeto, elaboramos um plano de pesquisa intitulado "Ao pé da Baobá, nosso ori vamos alimentar: um estudo sobre racismo no ensino de dança" que busca analisar os efeitos das referências coreográficas

eurocêntricas e norte-cêntricas no processo de formação de docentes do Curso de Licenciatura em Dança da Universidade Federal da Paraíba, que atuam em escolas da Rede Pública de Ensino da Grande João Pessoa.

As abordagens metodológicas desenvolvidas nesse projeto de pesquisa partem da ideia de que existe uma corporeidade preta nas universidades de dança do Brasil, e de que essa corporeidade se encontra dispersa pelos mecanismos de dominação acadêmica. Afinal, como anuncia Veiga (2019), nosso inconsciente é colonial porquanto a colonização não se baseia apenas na capacidade sistêmica de colonizar territórios geográficos, mas também na capacidade de colonizar territórios existenciais, o inconsciente e a aprendizagem.

Por isso, para compreendermos os efeitos da colonização da aprendizagem em dança realizamos diversas estratégias, tais como: análise do plano curricular do Curso de Licenciatura em Dança da Universidade Federal da Paraíba²; revisão das principais referências inseridas no Projeto Político Pedagógico (PPP) do Curso e três rodas de conversas, denominadas "Ações Contra-hegemônicas no Ensino da Dança", com quatro egressos pretos e indígenas (potiguaras e tabajaras) do Curso de Licenciatura em Dança.

Durante a análise do Projeto Político Pedagógico do Curso de Licenciatura em Dança, verificamos desde as diretrizes até as ementas e o conjunto de referências de cada um dos componentes curriculares. Concluímos que poucos componentes trazem referências bibliográficas pretas, o que contribui na desvalorização epistêmica do

² A análise do Projeto Político Pedagógico do Curso de Licenciatura em Dança nos levou a produzir um texto, especificamente sobre o currículo, que se encontra em fase de desenvolvimento. Compartilhamos o resultado destas análises com o Núcleo Docente Estruturante do curso com a finalidade de problematizarmos a ausência das perspectivas pretas no Projeto Político Pedagógico.

povo preto dentro do ambiente acadêmico, mesmo quando os assuntos estão diretamente ligados às culturas pretas às quais pertencem.

Por sua vez, as rodas de conversas foram realizadas pela plataforma Google Meet, de outubro de 2020 a março de 2021. A primeira roda de conversa se estabeleceu como um encontro com Janielle Nalija, preta, potiguara e docente da rede pública de ensino de Cabedelo; a segunda foi com Rafael Sabino, potiguara e docente na rede pública de Bayeux; e a terceira com Cristina Resende, tabajara e docente da rede pública de ensino do Conde em conjunto com Ewe Lima, preta, potiguara e docente da rede pública de Cabedelo.

Além disso, oferecemos dois cursos para a sociedade, em geral, a fim de criar condições de enfrentamento ao racismo no contexto da aprendizagem em dança: "Poéticas Pretas na Dança" e "Corporeidades Pretas". E, neste momento, encontramos-nos comprometidos com a criação de uma ação performativa que se relacione com formas de ensino e produção de conhecimentos baseadas em lógicas contra-hegemônicas.

O curso "Poéticas Pretas na Dança" trouxe um aprofundamento teórico de estudos com debates sobre racismo estrutural, racismo recreativo, lugar de fala, danças pretas, presenças pretas na história da dança, dentre outros assuntos desenvolvidos através de autores e autoras como Almeida (2019), Moreira (2019), Kilomba (2019), Acogny (2017). Além de referências visuais, através dos trabalhos cênicos disponibilizados por artistas pretos e pretas convidados e convidadas a integrar os encontros do curso.

Já o curso "Corporeidades Pretas", aprofundou estudos teóricos sobre perspectivas teóricas negras sobre a temática do corpo a partir de uma única obra, "Gramáticas das Corporeidades Afrodiaspóricas: perspectivas etnográficas", organizada por Tavares (2020). O livro aborda discussões importantes para o contexto das Artes das Cenas Pretas, introduzindo e aprofundando conceitos por meio de práticas e perspectivas afrodiaspóricas. Para os encontros, convidamos pessoas relacionadas às temáticas desenvolvidas nos capítulos do livro o que nos possibilitou o estabelecimento de conversas com um babalorixá, uma porta-bandeira, filósofos, uma contramestra de capoeira, professores pretos, mulheres e homens de axé. Assim, relembramos a condição do aquilombamento dos povos e das práticas racialmente minoritárias como uma união de forças para as lutas semelhantes e alinhamos esforços no sentido de tornarmo-nos vistos e respeitados, reconhecendo que a luta é para que sejamos vistos nos textos, nos currículos e na vida.

Arte Negra: Luta, Corpo e Cena

Outra ação significativa do Grupo de Pesquisa Cena Preta - Quilombo é o Projeto de Pesquisa "Antropologia-Dança: corpo, cena e pesquisa etnográfica" em que desenvolvemos o plano de trabalho "Pesquisa Etnográfica e Composição Coreográfica: Um estudo sobre artistas pretos", cujo objetivo consiste em analisar, por meio de estratégias etnográficas, processos criativos e artísticos de três artistas e, através das experiências compartilhadas,

elaborar um ato performativo baseado em perspectivas afrocentradas.

Esse plano de trabalho busca, então, gerar condições para criação de propostas performativas a partir da observação das práticas artísticas de três artistas pretos moradores da cidade de João Pessoa. Para efeito da pesquisa, selecionamos: Fernanda Ferreira, Luciana Peixoto e Lucas "Shotgun" Dias, todos artistas de ascendência africana, residentes da cidade de João Pessoa (PB). Nosso interesse pela temática em questão se justifica devido ao fato de percebermos que a produção de pensamento no contexto das artes da cena baseia-se em uma lógica social no qual o conhecimento é branco (ADICHIE, 2019; RIBEIRO, 2019; HOOKS, 2017) e, por conseguinte, buscamos visibilizar estratégias de composições negras no contexto da cena.

A partir do entendimento dos processos criativos desenvolvidos pelos artistas que compõem a pesquisa, portanto, desejamos: i) promover ações de visibilização da arte preta no contexto paraibano, ii) analisar as temáticas desenvolvidas por esses artistas em seus processos criativos; iii) perceber as estratégias de ensaios e as principais dificuldades encontradas nas relações com o mercado, iv) fomentar ações de combate ao racismo no contexto das artes cênicas.

Nesse plano de trabalho, adotamos a ideia da etnografia como uma forma de organizar as relações vividas: um recurso criativo para a performatização. Para iniciarmos esse estudo, além da leitura de textos que tratam sobre racismo e o contexto de marginalização das estéticas de ascendência africana na sociedade brasileira, realizamos um conjunto de rodas de conversas intituladas

"Fortalecimento da Cultura Preta em Cena". O objetivo desses encontros era abordar questões relacionadas aos processos criativos dos artistas que colaboraram com a pesquisa, assim como compreender as motivações e as temáticas abordadas em suas obras, as principais referências artísticas em seus processos de formação em artes cênicas, as dificuldades relacionadas à cadeia produtiva da arte em João Pessoa e as experiências vivenciadas com o racismo no contexto de criação artística.

De modo virtual, essas conversas permitiram a participação e colaboração da comunidade interessada no assunto, contribuindo, dessa forma, para a visibilização desses artistas e a disseminação das discussões propostas pelo grupo de pesquisa. No primeiro momento do projeto, conversamos com Luciana Peixoto, coreógrafa e bailarina pessoense de danças Afro e com Fernanda Ferreira, atriz e professora, natural de Minas Gerais e residente em João Pessoa; num segundo momento, estabelecemos contato com Lucas "Shotgun" Dias. Após a análise do material obtido, pudemos verificar aspectos que confirmaram a importância do tema escolhido para a pesquisa como estratégia de combate ao racismo.

Em depoimento, por exemplo, Peixoto (2020) indicou sua unidade familiar como primeira referência com dança e organizou ideias sobre a importância do Candomblé e, especificamente, dos orixás para a elaboração das suas coreografias. De certa maneira, Peixoto (2020) revelou em seus discursos que as referências coreográficas do núcleo familiar a aproximaram do Candomblé: religião afro-brasileira que, futuramente, se tornaria fonte e inspiração diária do seu trabalho. Ela declarou que vive

manifestada³ com sua arte, estabelecendo conexões íntimas entre religião e processos de criação artística.

Esse contato religioso, possibilitou que Luciana Peixoto se tornasse uma das mais fortes referências de dança na cidade de João Pessoa, porquanto, foi a partir da relação com as motrizes coreográficas negras que a bailarina fundou, juntamente com seu irmão Luciano Peixoto, o primeiro grupo de Dança Afro da Paraíba, chamado *Òrun Àiyé*. Além disso, a experiência com danças negras permitiu que a bailarina fosse convidada a assumir a direção coreográfica do "Auto dos Orixás": um evento promovido anualmente como um ato público de valorização e difusão das religiosidades de ascendência africana na Paraíba.

Ao organizar a narrativa sobre a experiência profissional com o processo criativo do "Auto dos Orixás", Luciana Peixoto revela que existem mecanismos de cura que associam arte, religiosidade e vida e declara fazer uso das filosofias africanas em sua existência: - "A arte vive em mim. A dança, os orixás, a energia [...]" (PEIXOTO, 2020). Este fundamento que associa arte-vida por meio de questões existenciais e filosóficas pôde ser, igualmente, observado nas conversas com Fernanda Ferreira.

Em nossa roda de conversas, a artista Fernanda Ferreira revelou familiaridade com processos de CURAtiva⁴ do racismo por meio de procedimentos artísticos e existenciais e pontuou a necessidade de demarcarmos a consciência da capilaridade do racismo na vida de qualquer

³ Em entrevista, Luciana Peixoto (2020) explica que sua arte e sua religião são uma coisa só e que seu corpo é a expressão de sua arte e de sua religião.

⁴ CurAtiva é uma categoria criada por Fernanda Ferreira para expressar e definir sua atuação e vivência enquanto mulher preta, educadora e ativista que busca ressignificar processos históricos de objetificação do corpo negro e de negação do racismo no contexto das Artes. O termo representa uma licença poética afro-feminista para a palavra "curativo" e envolve um processo de cura em ação. A artista está em processo de desenvolvimento da categoria CurAtiva.

peessoa que vive nesse país, seja ela branca ou negra. Como resultado de seu constante processo de CURAtiva do racismo em suas diversas camadas, a atriz afirma ressignificar suas perspectivas e reconhecer, assim como Luciana Peixoto, o universo familiar como influência primordial na construção de suas memórias com as artes. “É um processo de reconhecimento”, continuou Ferreira (2020), ressaltando o conhecimento numa concepção afrocentrada, onde a integridade do corpo é lugar de saberes.

A atriz mencionou na discussão o estudo sobre Guerreiro Ramos elaborado por Bariani (2008) acerca da ascensão do negro na sociedade por meio da educação e da cultura. Esse fato se encontra diretamente relacionado à apropriação e ao protagonismo de suas próprias sabenças e criações, e em como elas são constantemente atacadas pelo epistemicídio. Tal conceito, elaborado por Santos (2006), trata das violências coloniais exercidas sobre os sabres não-brancos. Fernanda Ferreira chamou a atenção para a urgência de nos empoderarmos de nossos saberes e tornarmos nossa articulação com a ancestralidade em um fenômeno revolucionário e transgressor.

E eu vou entrando mesmo. Eu empurro, eu meto o pé na porta, ou se eu não consigo derrubar a porta, eu entro pela fresta. Eu dou meu jeito! Se eu quero tá num lugar, eu vou pra esse lugar. E essa postura incomoda [...]. É o que as pessoas falam: “Que nega é essa, aqui?” (FERREIRA, 2020, n.p.).

“Dona Maria do Doce”, peça teatral escrita e encenada por Fernanda Ferreira, representa, então, o processo de empoderamento de suas próprias epistemologias. Para além disso, a obra é o entrelace das vivências da artista com as mulheres de sua família e a história de Gertrudes Maria,

personalidade preta pessoense do século XIX, conhecida por sustentar um empreendimento no cenário escravocrata da época, suscitando assim, elementos de ancestralidade e memórias do corpo-ancestral.

Mesmo com a singularidade de suas experiências, foi possível reconhecermos semelhanças nas trajetórias e temáticas nos trabalhos artísticos de ambas as artistas, como as manifestações de matriz africana: a religião para a Luciana e as rodas de capoeira como processo preparação corporal e prática de ensaio para Fernanda Ferreira. Além de conceitos como ancestralidade e aquilombamento que se apresentaram, igualmente, como pontos importantes na concepção e realização de suas obras.

Para a realização do segundo momento do projeto conversamos com o pesquisador, professor e dançarino Lucas "Shotgun" Dias, que aborda uma prática de corpo voltada para as danças urbanas. Semelhante às trajetórias das artistas anteriores, Lucas também traz consigo referências familiares como influenciadoras nos seus primeiros contatos com a arte. No contexto social o "b-boy" enfatiza a forte discriminação que seus trabalhos artísticos sofrem por conta da "marginalização da cultura", como ele mesmo se refere:

O *breaking* por exemplo, não é muito aceito em estúdios [...] e isso faz muitas vezes a gente perder a identidade de *b-boy* e *b-girl* [...]. Por exemplo, eu vou chegar em um estúdio e já não vou oferecer mais o *breaking*, vou ter que oferecer *house*, vou ter que oferecer um outro tipo de dança porque o *breaking* não é bem aceito (DIAS, 2021, n.p.).

Dessa forma, Lucas também denuncia o racismo por parte desses estúdios de dança e declara acreditar que esses lugares dão preferência à contratação de pessoas

brancas para compor o corpo docente com a ideia de que essas instituições buscam pessoas “bonitas”, ou seja, não-negras. O dançarino afirma, porém, que trabalha para que saberes negros sejam valorizados e para que a presença negra seja redimensionada no panorama da vida social e apresenta a tradução de textos sobre danças urbanas que ele realiza como uma ação fundamental para a disseminação dos saberes e da cultura preta. Além disso, Dias (2021) afirma utilizar-se das redes sociais como um forte instrumento de combate ao racismo, por meio da sua própria identidade, e declara ter esperança de que a inserção do *breakdance* nas olimpíadas, possa criar um espaço de maiores oportunidades de empregos para as dançarinas e dançarinos.

Durante as conversas, pudemos perceber outro ponto em comum: a deflagração das estruturas de opressão e apagamento configuradas pelo racismo e apontadas na fala dos três artistas por meio da desvalorização das poéticas e presenças pretas na cena e da dificuldade de sobreviver profissionalmente no contexto das artes. Isso porque mesmo com o aparente aumento de oportunidades, o espaço e verba para esses projetos não é suficiente para contemplar e fomentar financeiramente os profissionais.

Diante do panorama de dados obtidos nas rodas de conversas, iniciamos um processo de criação performativa em formato de vídeo a partir de categorias relacionadas às experiências destes artistas na cena. Destacamos como conceitos-chave para a proposição artística: i) a relação com saberes ancestrais; ii) a indissociabilidade entre arte-vida; iii) ações de enfrentamento ao racismo e iv) a luta pela existência. Nesse momento, esses fatores são os mesmos

sobre os quais encontramos-nos debruçados para desenvolver ações performativas relacionadas às ausências do corpo negro na cena.

Considerações Finais

Este texto representa um breve relato crítico-reflexivo das atividades de pesquisa desenvolvidas pelo Grupo de Pesquisa Cena Preta – Quilombo no que diz respeito ao aprofundamento de ações, questões e práticas artísticas associadas ao panorama da educação das relações étnico-raciais. Buscamos, ao longo do texto, descrever as ações investigativas, assim como pontuar os objetivos, a fundamentação teórica e as abordagens metodológicas utilizadas com a finalidade de organizar elementos discursivos sobre a urgência de valorizarmos perspectivas afro-referenciadas no ambiente educacional e artístico.

Reconhecemos que as atividades de pesquisa compartilhadas neste artigo têm contribuído de modo significativo para a transformação da construção do pensamento crítico no contexto das Artes da Cena, sobretudo no que diz respeito aos efeitos das referencialidades hegemônicas nos processos de ensino-aprendizagem através de reflexões produzidas por meio de cursos, atos performativos, rodas de conversas, publicações e do estímulo a práticas combativas ao racismo.

Durante o desenvolvimento da pesquisa estabelecemos diálogos com pesquisadores e pesquisadoras de diversas instituições de ensino superior do país que confirmaram a importância de garantirmos visibilidade às estratégias de enfrentamento ao racismo e às

poéticas e saberes negros na cena. Além disso, reunimo-nos com o Núcleo Docente Estruturante do Curso de Licenciatura em Dança da UFPB com o objetivo de apresentarmos a análise dos dados de nossa pesquisa e pontuarmos as alterações necessárias no Projeto Político Pedagógico do curso a fim de efetivarmos uma qualidade de formação profissional que esteja de acordo com a presença negra na universidade.

A experiência do aquilombamento, a partir de um lugar de composição de corpos pretos nas universidades de artes, se configura em nossa experiência de pesquisa como um ato de decolonização: uma habilidade não apenas de negar aquilo que está posto como prática colonial, mas de gerar forças criativas a partir daquilo que se nega. Acreditamos que promover aquilombamentos é criar movimentos decoloniais que ressignifiquem de modo consciente os mecanismos de dominação, e que gerem fatores de impacto a experiência acadêmica dos sujeitos, tendo-se em vista que é através do combate à opressão, que as consciências podem integrar e participar de debates críticos de um modo empoderado e livre, reconhecendo, por fim, que se “a coisa tá preta, a coisa tá boa”.

Referências

- ACOGNY, PATRICK. AS DANÇAS NEGRAS OU AS VELEIDADES PARA UMA REDEFINIÇÃO DAS PRÁTICAS DAS DANÇAS DA ÁFRICA. **REBENTO**, SÃO PAULO, N. 6, P. 131-156, MAIO 2017. DISPONÍVEL EM:
[HTTP://WWW.PERIODICOS.IA.UNESP.BR/INDEX.PHP/REBENTO/ARTICLE/VIEW/14](http://www.periodicos.ia.unesp.br/index.php/rebento/article/view/14).
ACESSO EM: 11 ABR. 2021.
- ADICHIE, CHIMAMANDA NGOZI. **O PERIGO DE UMA HISTÓRIA ÚNICA**. PALESTRA PROFERIDA NO TED TALKS, OXFORD (INGLATERRA), JULHO DE 2009. DISPONÍVEL EM:
[HTTPS://WWW.TED.COM/TALKS/CHIMAMANDA_NGOZI_ADICHIE_THE_DANGER_OF_A_SINGLE_STORY?LANGUAGE=PT-BR](https://www.ted.com/talks/chimamanda_ngozi_adichie_the_danger_of_a_single_story?language=pt-br). ACESSO EM 29 AGO. 2021.
- ALMEIDA, SILVIO LUIZ DE. **O QUE É RACISMO ESTRUTURAL**. SÃO PAULO: PÓLEN, 2019.
- BARIANI, EDISON. NIGER SUM: GUERREIRO RAMOS, O "PROBLEMA" DO NEGRO E A SOCIOLOGIA DO PRECONCEITO. **PERSPECTIVAS**, SÃO PAULO, V. 34, P. 193 - 211, JUL./DEZ. 2008. DISPONÍVEL EM:
[HTTPS://PERIODICOS.FCLAR.UNESP.BR/PERSPECTIVAS/ARTICLE/VIEW/2243](https://periodicos.fclar.unesp.br/perspectivas/article/view/2243).
ACESSO EM: 29 AGO. 2021.
- CESAR, LAYLA JORGE TEIXEIRA; SOARES NETO, JOAQUIM . O MESPT E A CONTRA COLONIZAÇÃO DA UNIVERSIDADE. **INTERETHNIC@**, BRASÍLIA, V. 22, N. 1, P. 116-141, JUL. 2019. DISPONÍVEL EM:
[HTTPS://DOI.ORG/10.26512/INTERETHNICA.V22I1.15263](https://doi.org/10.26512/interethnica.v22i1.15263). ACESSO EM: 24 MAIO 2021.
- DIAS, LUCAS "SHOTGUN". **ENTREVISTA SOBRE FORTALECIMENTO DA CULTURA PRETA EM CENA** CONCEDIDA A GRUPO DE PESQUISA CENA PRETA – QUILOMBO. JOÃO PESSOA, 29 DE MARÇO DE 2021.
- FERREIRA, FERNANDA. **ENTREVISTA SOBRE FORTALECIMENTO DA CULTURA PRETA EM CENA** CONCEDIDA A GRUPO DE PESQUISA CENA PRETA – QUILOMBO. JOÃO PESSOA, 09 DE NOVEMBRO DE 2020.
- HOOKS, BELL. **ENSINANDO A TRANSGREDIR: A EDUCAÇÃO COMO PRÁTICA DA LIBERDADE**. SÃO PAULO: EDITORA WMF MARTINS FONTES, 2017.
- KILOMBA, GRADA. **MEMÓRIAS DA PLANTAÇÃO: EPISÓDIOS DE RACISMO COTIDIANO**. RIO DE JANEIRO: COBOGÓ, 2019.
- MOREIRA, ADILSON. **RACISMO RECREATIVO**. SÃO PAULO: PÓLEN, 2019.

MOURA, CLÓVIS. **REBELIÕES DA SENZALA: QUILOMBOS, INSURREIÇÕES E GUERRILHAS.** PORTO ALEGRE: MERCADO ABERTO, 1988.

NASCIMENTO, BEATRIZ. MY INTERNAL BLACKNESS. **JOURNAL VILLAGE VOICE**, NEW YORK, 1982.

NASCIMENTO, BEATRIZ. O CONCEITO DE QUILOMBO E A RESISTÊNCIA CULTURAL NEGRA. *In.*: RATTIS, ALEX. **EU SOU ATLANTICA.** SÃO PAULO: INSTITUTO KUANZA, p. 117-125, 2006.

OLIVEIRA, VICTOR HUGO NEVES DE. "A GENTE COMBINAMOS DE NÃO MORRER": NECROPOLÍTICA E PRODUÇÃO ARTÍSTICA. **CONCEIÇÃO/CONCEPTION**, CAMPINAS, SP, v. 9, 2020. DISPONÍVEL EM:
[HTTPS://PERIODICOS.SBU.UNICAMP.BR/OJS/INDEX.PHP/CONCE/ARTICLE/VIEW/8661943](https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/conce/article/view/8661943). ACESSO EM: 24 MAIO 2021.

OLIVEIRA, VICTOR HUGO NEVES DE. O CÃO CELEBRA COM O RABO, MAS MORDE COM A BOCA: PISTAS INICIAIS PARA A PRODUÇÃO DE UMA DANÇA PRETA. **REVISTA RASCUNHOS - CAMINHOS DA PESQUISA EM ARTES CÊNICAS**, UBERLÂNDIA, v. 7, n. 1, p. 44-56, JUN. 2020. DISPONÍVEL EM:
[HTTP://WWW.SEER.UFU.BR/INDEX.PHP/RASCUNHOS/ARTICLE/VIEW/55524](http://www.seer.ufu.br/index.php/rascunhos/article/view/55524). ACESSO EM: 24 MAIO 2021.

PEIXOTO, LUCIANA. **ENTREVISTA SOBRE FORTALECIMENTO DA CULTURA PRETA EM CENA** CONCEDIDA A GRUPO DE PESQUISA CENA PRETA – QUILOMBO. JOÃO PESSOA, 09 DE NOVEMBRO DE 2020.

RIBEIRO, DJAMILA. **PEQUENO MANUAL ANTIRRACISTA.** SÃO PAULO: COMPANHIA DAS LETRAS, 2019.

SANTOS, BOAVENTURA DE SOUSA. **A GRAMÁTICA DO TEMPO: PARA UMA NOVA CULTURA POLÍTICA.** SÃO PAULO: CORTEZ, 2006.

TAVARES, JULIO CESAR DE. **GRAMÁTICAS DAS CORPOREIDADES AFRODIASPÓRICAS: PERSPECTIVAS ETNOGRÁFICAS.** CURITIBA: APPRIS, 2020.

VEIGA, LUCAS MOTTA. **DESCOLONIZANDO A PSICOLOGIA: NOTAS PARA UMA PSICOLOGIA PRETA.** **FRACTAL: REVISTA DE PSICOLOGIA**, NITERÓI, v. 31, p. 244-248, SET. 2019. DISPONÍVEL EM:
[HTTPS://DOI.ORG/10.22409/1984-0292/V31L_ESP/29000](https://doi.org/10.22409/1984-0292/v31l_esp/29000). ACESSO EM: 24 MAIO 2020.